

ANEXO 3367-1

Handwritten initials

①

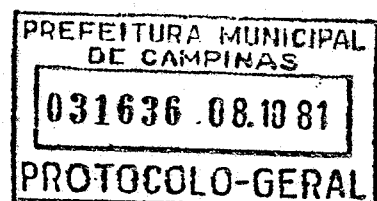
COAR



Prefeitura Municipal de Campinas

Campinas, 7 de outubro de 1981

COAR



À
COAR
AT. Dr. Mauro Alves dos Santos
CAMPINAS

Prezado Senhor:

Solicito suas providências, no sentido de ser fornecida certidão gráfica e descrição de uma via pública para receber o nome de "MÁRIO REIS".

Feita a indicação, o presente protocolado deve ser encaminhado à Secretaria dos Negócios Jurídicos, para elaborar decreto.

Na oportunidade, subscrevo-me

Atenciosamente

Handwritten signature of Francisco Amaral
FRANCISCO AMARAL
PREFEITO MUNICIPAL

AP/selma.-



10 DEZ 1981

DECRETO N.o. 6825 DE 09 DE DEZEMBRO DE 1981.

DENOMINA MARIO REIS UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1o. - Fica denominada RUA MARIO REIS a Rua 3 do Jardim Colonial, com início na Rua Hermantino Coelho e término no balão de retorno.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 09 de dezembro de 1981.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas

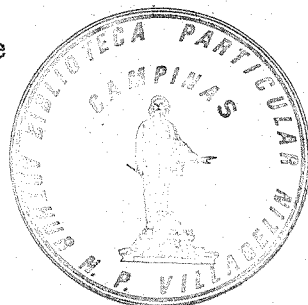
DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. JURANDYR POMPEO CAMPOS FREIRE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

PELO SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PESSOAL:
Em, 09. 12.81.

RUA MÁRIO REIS

(Denominação dada pelo Decreto nº 6825 de 09-dezembro-1981)



Faleceu o cantor Mário Reis

SÃO PAULO — Morreu ontem de manhã, aos 73 anos, na Clínica "Bambina", localizada no bairro de Botafogo, no Rio, o cantor Mário Reis. Ele morava sozinho no Copacabana Palace e, ontem de madrugada, foi removido com urgência para a Clínica "Bambina", onde morreu de insuficiência renal. Mario Reis, que é considerado o grande inovador da música popular brasileira nos anos 30, pois modificou totalmente a forma de interpretar as canções, abandonou a vida artística na década de 60. Seu último LP, no entanto, foi lançado, em 1971, apresentando os clássicos de seu repertório, tais como "Jura" e "Dorinha meu Amor". Nesse ano, Mario Reis deu também sua última entrevista à imprensa.

A CARREIRA DE MARIO

Os próprios apelidos que o cantor Mário da Silva Reis, o melhor intérprete de Sinhô ("Jura"), recebeu durante sua carreira, auxiliam os biógrafos a traçarem o seu perfil: era chamado, entre outras coisas, de "O cantor play boy" (deu ainda vida elegante durante as últimas décadas, entre o Copacabana Palace, onde morava, e o Country Clube, do Rio), "O melhor cantor do mundo" (segundo ele mesmo), "Vaidoso" (gostava de atrair homenagens e admiração), "Greta Garbo da música popular brasileira" (encerrou sua carreira em 1936, dizem, porque não queria se mostrar velho para seu público).

Nascido a 31 de dezembro de 1907, no bairro do Rio Pequeno, no Rio, Mario Reis não confirmava essa versão para seu apelido de "Greta Garbo da MPB". Em entrevista — a última foi dada em 1971 ao Jornal da Tarde — ele decla-

rou ser inútil tentar descobrir algum motivo especial para o seu recolhimento. Na sua opinião, "não havia mais nada de especial, mais nada em termos de música". Lucio Rangel, seu amigo de longos anos, tem outra explicação, um pouco mais convincente, para o afastamento do cantor que não deixa de ser um importante dado biográfico:

— Ele nunca foi cantor profissional. Cantava porque gostava e não porque precisasse. Mário Reis, de voz maliciosa e breques rápidos, o mais carioca dos cantores, sempre foi gente fina, com família, nome, dinheiro, e nunca precisou de cachê artístico.

Aos 18 anos, em 1926 Mario Reis ingressou na Faculdade de Direito onde conheceu Ari Barroso, também estudante, e que mais tarde iria exercer grande influência na sua carreira. Antes de Ari Barroso, Sinhô entrou na vida do jovem estudante de direito, desviando-o das causas e das leis para o samba. Sinhô presentiu em Mário seu intérprete ideal e foi gravado o primeiro disco pela Odeon, onde cantava "De que vale a nota sem o carinho da mulher (Sinhô) e Carinhos da Vovó (Donga). Daí em diante foi um disco atrás do outro. As músicas mais conhecidas, "Linda Morena", de Lamartine Babo, "Jura" (Sinhô), "Agora é Cinza" (Marçal e Barbelos) e "Formosa" (Nassara). Com grande sensibilidade para escolher seu repertório, Mario foi buscar as músicas para seus discos entre os compositores Ismael Silva, Heitor dos Prazeres, Donga, Nilton Bastos. Em 1933 gravou um cateretê com Carmen Miranda e chegou-se a comentar a existência de um romance entre eles.

Mário Reis foi, para Lucio Rangel "o divisor das águas da música brasileira". Os críticos explicam: o canto pausado e o ritmo leve de Mário Reis libertaram a música popular brasileira das barras do "Bel Canto". "Vocês podem não gostar de Mário Reis, mas quando ele começa a cantar, é um "habeas corpus", disse dele Orestes Barbosa.

(Extraído do jornal "Correio Popular", de Campinas, de 06-outubro-1981. O cantor faleceu no dia 05-outubro-1981)

MÁRIO REIS, O FIM DO SAMBA GRITADO

(Diário de S. Paulo de 10-02-1968)

A. CARVALHAES

A história do samba cantado se divide em duas partes: antes e depois de Mário Reis. E esta divisão importante para a música popular brasileira está cumprindo 40 anos, pois foi em 1928 que um rapaz "todo sobriedade" — no dizer de Lucio Rangel — sabendo "dizer" as letras ingenuas e maliciosas que faziam para ele, veio de uma vez por todas acabar com os barítonos e tenores que enfejavam e deturpavam o ritmo brasileiro e unico do samba".

A permanência desses barítonos e tenores cantando samba, era quase que uma imposição das deficiências técnicas na gravação de discos. Era preciso "berrar" a música para dentro daqueles microfones pouco sensíveis de então. O equipamento foi se aperfeiçoando, mas o vício de cantar o samba via opereta, permanecia. Até que surgiu um rapaz da alta sociedade (da "haute gomme", como se costumava dizer) e mudou tudo. Seu nome: Mário da Silveira Reis.

AULAS DE VIOLÃO COM O "REI"

Corria a década de 20. No Rio de Janeiro, era comum cantar serenatas. Entre os jovens trovadores, estava um moço de tradicional família. Já sabia "arranhar" o "pinho" (e o violão, assim chamado, não era instrumento que devesse andar nas mãos de moços bem formados). Este moço teve um encontro ocasional com José Barbosa da Silva, mais conhecido como "Sinhô", o qual se intitulava "Rei do Samba". Pediu-lhe aulas de violão. O "Rei" logo se encantou com a idéia de ter um jovem da melhor sociedade como aluno e aceitou.

"Graças ao bom Deus — escreveu o próprio "Sinhô" na revista "Wego", em 1929, num artigo assinado — que atende todos os meus desejos e aspirações, vim a ter um discípulo de violão e modinhas que seria a maior revelação do ano". E prosseguiu:

"Eu, que dou minhas composições musicais e versejadas, sempre lutei com a falta de um cantor que pudesse infundir o meu estilo próprio, por que não dizer, a minha escola". E assim descrevia a sua "descoberta":

"Esse distinto moço, rapaz da melhor sociedade carioca, musicista e acadêmico de uma das nossas escolas superiores, também "sportman", campeão de raquete, o fidalgo e salutar divertimento que refina o caráter e dá vigor ao corpo — esse meu amigo é Mario Reis".

O ESTILO DE MARIO REIS

Afinal, em que consiste o estilo de Mario Reis? Jota Afegê resume com a qualificação "canto-dicção", uma espécie de "dizer as palavras cantando". José Lino Grunewald descreveu Mario Reis como "uma voz de timbre e inflexões quase feminis, com extrema versatilidade nas sílabas, usando magnificamente o recurso das pausas".

Com estes atributos, Mário Reis passou a influenciar os cantores da sua época, inclusive o próprio Francisco Alves, com o qual veio a formar uma dupla famosa, de 1930 a 33. Mario Reis, como escreveu Claribalte Passos, já era "mestre na dicção, no espontâneo fraseado, comunicativo e soberbo no extravasamento emocional".

Falando da mulher amada ou do encanto eterno da sua cidade, o Rio de Janeiro, Mario Reis é o legítimo precursor de um estilo que teve a partir de 1959, no baiano João Gilberto, um digno continuador. Tanto que em 1960, quando Mario Reis gravou um novo "elepê", com antigos sucessos e numerosos inéditos, houve muita gente que julgou tratar-se de um novo cantor de "bossa nova".

MARIO, ORIGENS E CARREIRA

Filho de Raul Meireles Reis e Alice da Silveira, Mario da Silveira Reis nasceu no Rio de Janeiro, na rua Afonso Pena. De famílias ilustres, o grande Silveira Sampaio foi seu primo. Para Mario, a vida começou num sábado, o ultimo dia do ano de 1908. O mundo inteiro voltava sua atenção para a Itália, onde, dois dias antes, a terra tremera e as águas cresceram, destruindo as cidades de Messina e Reggio Calabria. Mas isto era lá, porque no Rio "o céu amanheceu nublado, de tarde caiu alguma chuva e houve tro-

voadas: a temperatura não passou de 27 graus". Sempre segundo as gazetas, o doloar estava a 3.200 réis.

Após dois anos em Rio Comprido, a família de Mario mudou-se para Tijuca. O garoto estudou no Instituto Lafayette, depois na Escola Nacional de Direito, pela qual se diplomou em 1930. Funcionário municipal, foi oficial de gabinete de dois prefeitos, Olimpio de Melo e Henrique doCsworth.

Com todas estas chances, nunca pensou em ser cantor. Entretanto, ao aprender violão com "Sinhô", este viu em Mario Reis o intérprete ideal para suas músicas e o levou à Odeon. Lá, Mario gravou pela primeira vez a sua voz. Foi com "Que Vale a Nota sem o Carinho da Mulher", denominado por "Sinhô" um "samba languido", e "Carinhos da Vovó", um "romance pedagógico" ("Sinhô" era tão bom sambista quanto pernóstico). O próprio "sinhô" acompanhava Mario Reis ao violão, enquanto o outro "pinho" era dedilhado por "Donga" (Ernesto dos Santos), autor de "Pelo Telefone", que foi o primeiro samba gravado (em 1916) e do qual "Sinhô" também dizia-se autor.

Precisamente em dezembro de 1928, "Phono Arte", a primeira revista brasileira do fonógrafo, registrava a estréia de Mario Reis no disco.

EXITOS DE MARIO REIS

A segunda gravação de Mario Reis trouxe mais duas composições de "Sinhô": "Sabiá" e "Deus nos Livre do Castigo das Mulheres". A terceira, "Jura" e "Gosto que me Enroscô", também de "Sinhô". A quarta tinha "Margô" (de Alfredo Derrmeval, sambista esquecido) e "Vou à Penha" (primeira música de Ary Barroso gravada).

A quinta gravação trazia "Vou me Vingár" (de Caninha) e o êxito imorredouro "Dorinha, meu Amor" (de José Francisco de Freitas). A sexta, "Vadiagem" (de Chico Alves, ainda conhecido como Chico Viola) e "Sorriso Falso" (de Cicero de Almeida, o Baiano). A sétima tinha outra de Chico Alves, "Perdão" e "Meu Amor, Vou Te Deixar" (de Orlando Vieira, lanterneiro do carro de Mario Reis).

O oitavo disco de Mario era composto por "O Destino é Deus Quem Dá" (de Nilton Bastos) e "Novo Amor" (de Ismael Silva). O nono apresentava "Vá Mesmo" (de Heitor dos Prazeres) e "Carga de Burro" de "Sinhô". O decimo, "E' Tão Bonitinha" (de Vogeler) e a composição que firmou Ary Barroso: "Vamos Deixar de Intimidades". O decimo-primeiro disco era uma volta total a "Sinhô": "A Medida do Senhor do Bonfim" e "Cansel".

A DUPLA COM CHICO ALVES

1930 assinalou o início da dupla Mário Reis-Francisco Alves, este, dono de um insuperável "cantabile", mas que também se deixou influenciar pela linha simples do parceiro. A primeira gravação da dupla foi

"Deixa Essa Mulher Chorar" e "Quá Quá Quá". As duas seguintes reuniam músicas de uma dupla de compositores do Estácio, Ismael Silva e Milton Santos: "Não Há" e "Se Você Jurar"; "O Que Será de Mim" e "Arrependido".

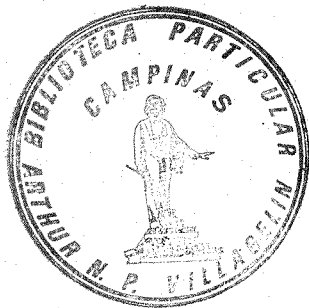
Outros autores vieram se juntar ao repertório de Mario — entre eles Noel Rosa — que ora cantava com Chico Alves, ora só. Em 1933, Mario Reis foi contratado pela Victor e Chico permaneceu na Odeon, o que desfez a dupla. Mario insiste nesta versão e desmente que Chico e ele teriam brigado.

Na Victor, Mario estreou em dupla com Lamartine Babo, cantando duas músicas deste: "Ai, Hein?" e "Boa Bola". Grandes êxitos carnavalescos se seguiram até 1936, quando Mario, no auge da fama, decidiu por um ponto final na sua carreira de cantor.

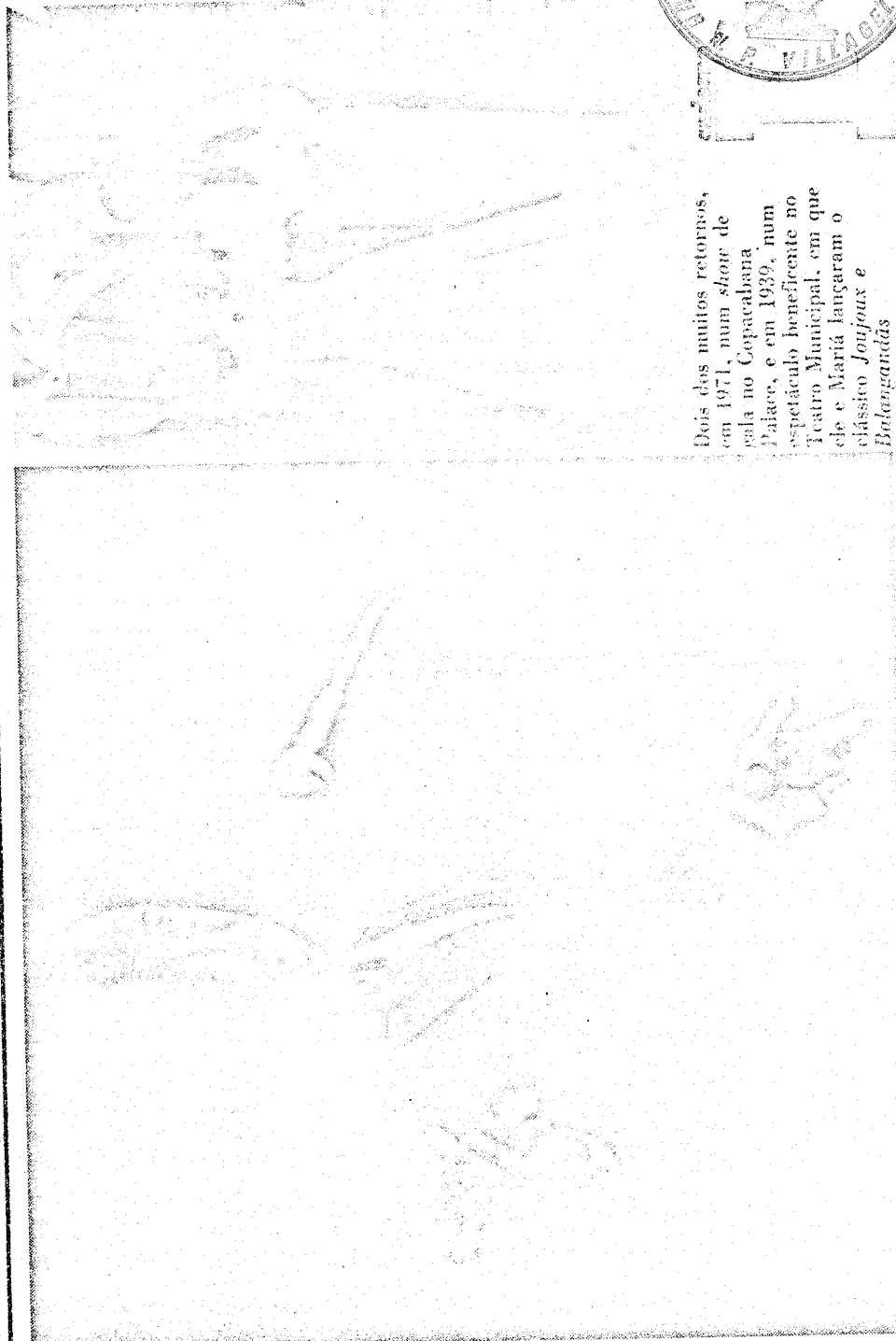
OS RETORNOS DE MARIO

Várias vezes — e sempre atendendo a pedidos insistentes dos seus amigos — Mario Reis voltou esporadicamente a cantar. A primeira vez foi em 1939, a pedido da própria Primeira Dama do país, colaborando com um famoso espetáculo de caridade, "Joujoux e Balangandans". No ano seguinte, gravou três discos para a Columbia, entre os quais o famoso "Iaiá Boneca", de Ari Barroso. Em 1952, gravou para a Continental um álbum com três discos de 78 rotações, o "Album de Sinhô". No ano seguinte, também para a Continental, gravou "Flor Tropical" (de Ari Barroso) e "Saudades do Samba" (de Fernando Lôbo e Paulo Soledade). Em 1960, saiu o "elepê" da Odeon, "Mario Reis em Hi-Fi"; em 1965 o seu ultimo "elepê" (para a Elenco, comemorando o Quarto Centenário do Rio) e, agora, acaba de sair pela Candem um novo longa-duração, contendo reproduções de antigas matrizes de Mario Reis.

Quanto ao cantor, que conheci pessoalmente no Rio, há três anos continua a mesma vida metódica: mora num luxuoso hotel de Copacabana, trabalha à tarde numa repartição pública e à noite janta na sede do Jockey Club, onde se entrega ao seu maior "hobby", o bridge.



★ 1907 **MÁRIO REIS** † 1981



Dois dos muitos retornos, em 1971, num show de gala no Copacabana Palace, e em 1939, num espetáculo beneficente no Teatro Municipal, em que ele e Maria lançaram o clássico *Joujoux e Balangandãs*



ANPV 1 3367.5

ELE CRIOU O MODO BRASILEIRO DE CANTAR

MÁRIO REIS morreu às 6h45m de ontem, na Clínica Bambina, de insuficiência renal aguda. O cantor estava internado desde o dia 9 de setembro, quando foi diagnosticado o aneurisma da aorta abdominal. Foi submetido a duas intervenções e, no domingo retrasado, o médico Fernando Wanderley pensou em dar alta ao paciente nesta quarta-feira. No final da semana passada, com tueria de stress (hemorragia digestiva), embolia pulmonar e choque séptico (infecção generalizada), Mário Reis passou a receber medicação psicotrópica. O médico que o assistia afirmou que não havia condições de deixá-lo consciente.

O corpo de Mário Reis foi velado na capela 1 do Cemitério São João Batista. Até a hora em que foi enterrado, o caixão permaneceu fechado e coberto com a bandeira do Country Club do Rio de Janeiro. Segundo os familiares, o cantor era muito vaidoso e não queria ser exposto depois de morto. Pouco mais de 50 pessoas acompanharam o caixão até a sepultura 1.533 F da quadra 2, onde está o jazigo da família, às 17h.

Foram poucas as pessoas ligadas à música brasileira que compareceram ao local. O primeiro a chegar, às 16h, foi o cronista Jota Elegg. O cantor de música e pesquisador Ary Vasconcelos chegou logo depois.

Entre outros, estavam presentes o presidente da Bolsa de Valores, Carlos Liberal (Mário Reis era dono de corretora), representantes do Country Club do Rio de Janeiro, onde o cantor passava as suas tardes (exceto nos fins de semana), e jovens amigos que fez naquele clube. Os atores Paulo César Peréio e Joel Barcelos acompanhavam Cissa Pinheiro Guimarães, jovem atriz a quem o artista apelidou de Exempio e que o conhecia desde menina. Agildo Ribeiro chegou quase no final do velório. A família Guinle, proprietária do Copacabana Palace, esteve representada por José Paulo, filho de Marazinha Guinle, que está viajando.

Amigos da família contaram que, ainda no quarto, antes da primeira operação, Mário cantou *Gosto Que Me Enrosco*. Seu médico confirmou a informação e acrescentou que, na véspera de ser internado, "por medo ou nervosismo", Mário cantou *Rasguei a Minha Fantasia*. Os amigos disseram ainda que as despesas médicas foram custeadas pelo irmão de Mário, João da Silveira Reis, que mandou trazer orquídeas de sua casa em Petrópolis para cobrir o caixão.

O America Futebol Clube, onde Mário jogou, enviou uma corbeille. O cantor não foi esquecido também por seus colegas da turma de Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Carlos Galhardo, que fez coro para gravações de Mário Reis no início da carreira, foi prestar sua última homenagem ao colega, ao lado do cantor Carlos José. Os dois estavam ali em nome da Sociedade de Interpretes e Produtores de Disco.

O compositor Braguinha (João de Barro) ficou bastante emocionado e disse que algumas vezes, nos últimos tempos, chegou a se encontrar com o amigo.

— De vez em quando eu ia à praia e a gente se encontrava na porta do hotel. Nós éramos muito amigos, desde a década de 30 e várias vezes ele gravou músicas minhas, Linda Miami, Uma Andorinha Só Não Faz Verão e Moreninha Tropical foram algumas delas. A medida que ele foi se retirando do meio, nosso contato foi escasseando. O mais importante foi que em 1930, ele pontificou aquele estilo de cantor de "dizer", no tempo dos vociferos, enormes. E difícil compará-lo com os

E, súbito, Mário Reis começou a tropeçar nas rosas.
Nelson Rodrigues

Nomes e tempos, lembrança ele, os jovens de (onde seria colega de Ary Barraco), o diplo. Uma Andorinha, não Faz Verão, Rasguei a Minha Fantasia, A Tua Vida É um Surrupio e



Uma Andorinha não Faz Verão, Rasquel e Minha Fantasia, A Tua Vida é um Serelepe...

Em 1936, pouco depois de aparecer no filme Aida, Carmaval, cartazista Cutá Miral, azei...

Gravou ainda dois discos em 1960, parou de novo, voltou 11 anos depois para gravar um...

Nas últimas entrevistas, este ano, sempre por telefone e graças a insistentes apelos...

— Era um craque. E não apenas como poeta, a meu ver tão grande quanto qualquer desses...

Falava de futebol com uma memória laio prodigiosa que o permitia recitar, sem tomar...

A consciência de sua importância, por vezes se misturava a um justificado orgulho. Lucio...

— Não é mesmo uma beleza de gravado? Em seguida, pediu que se pusesse o mesmo...

— Para que eu quero essa velharia? Um contador de história, faz-o com prazer...

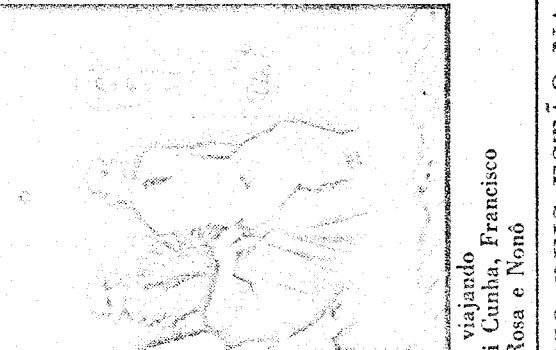
de onde seria colada de Ary Barroso, o diabo de boa família não frequentava os sambistas...

Embora seja historicamente importante, não se pode deixar de mencionar a importância de...

Deixa Esta Mulher Chorar, de Benecura e Quá, Quá, Quá, atribuído a Eurico dos Santos...

Mário Reis e Francisco Alves gravaram juntos alguns clássicos, entre eles o autólogo: Se Voce Jurar...

— Herói de meu pai muitas coisas, uma delas a paixão pelo América. Você sabia que...



Em 1932, viajando para o Sul com Peri Cunha, Francisco Alves, Noel Rosa e Nonô

Seus pais, Raui Melhores Reis e Alice da Silveira Reis, foram dois exemplares, não que...

— Usou meu nome mesmo — lembraria Mário Reis numa entrevista a Sérgio Cabral —...

Extremamente vaidoso, Mário Reis, segundo os amigos mais chegados, parecia querer...

No entanto, mesmo em seu refúgio, mesmo isolado de tudo e vivendo muito pouco informado...

Uma ideia que os candidatos a cantor, até então inspirados no modelo de Vicente Celestino...

Tudo o que gritar, se falar é muito melhor? Todo o segredo do estilo de Mário Reis está...

Dois fatos contribuíram para que isso fosse possível. O primeiro foi a substituição do...

O outro fato foi o encontro de Mário Reis com Sinhô. Um encontro que os historiadores...

Depois dessa noite — dizia ele aos amigos — quem quiser me ouvir cantando tem de tirar...

— Meu filho, tu já acabas. A época agora é do Checo Bourque.

Extremamente vaidoso, Mário Reis, segundo os amigos mais chegados, parecia querer...

No entanto, mesmo em seu refúgio, mesmo isolado de tudo e vivendo muito pouco informado...

Uma ideia que os candidatos a cantor, até então inspirados no modelo de Vicente Celestino...

Tudo o que gritar, se falar é muito melhor? Todo o segredo do estilo de Mário Reis está...

Dois fatos contribuíram para que isso fosse possível. O primeiro foi a substituição do...

O outro fato foi o encontro de Mário Reis com Sinhô. Um encontro que os historiadores...

Advertisement for 'CREDIARIO' with contact info: R. Vis. Paraíba 549 - L. 107, Fone 260.370, Av. Alameda Paraíba 4078 - L. 4, Tel. 269.399

Advertisement for 'PROMOCÃO Peças Interfil' with contact info: Cx 5 5.30.30, 4 x 57 Juros

Advertisement for 'OFICINA PEÇAS' with contact info: R. Vis. Paraíba 549 - L. 107, Fone 260.370, Av. Alameda Paraíba 4078 - L. 4, Tel. 269.399

Advertisement for 'ESTÁ A HISTÓRIA DE UMA "GORONHA" INFINIZ' with contact info: Rua Coronado, 211, 2.º andar, Fone 260.370

Advertisement for 'FLU AO ESTHETIC CENTER!' with contact info: Avenida 09, Est. 09, Fone 260.370

Advertisement for 'esthetic center' with contact info: Rua Coronado, 211, 2.º andar, Fone 260.370

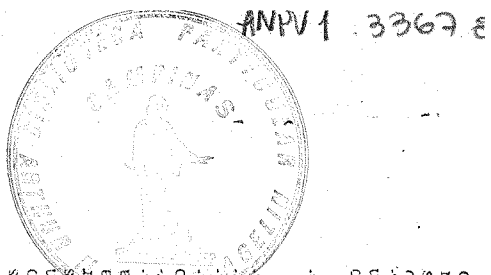
Advertisement for 'MADUREIRA 359-2696' with contact info: Est. 09, Fone 260.370

Advertisement for 'COPACABANA 265-8790' with contact info: Av. 5, Est. 09, Fone 260.370

Advertisement for 'ICARAI 710 3026' with contact info: Rua Coronado, 211, 2.º andar, Fone 260.370

Advertisement for 'MEIER 249-4744' with contact info: R. Das Cruzes, 143, Fone 405

Large advertisement for 'TULUCA' featuring a woman's face and text: 'TULUCA 228-2243', 'Para homens e mulheres'.



O MAIS CARIOCA DOS CANTORES

Tarik de Souza

CANTANDO com a maior naturalidade, simplificando ao máximo a expressão de seu cantar, Mário Reis se tornou facilmente o mais perfeito intérprete do samba nacional. Quem o afirma — assim, de saída — é a crítica da revista *Phono Art*, "a primeira revista brasileira do fono-grafo", logo a estreia do cantor, em dezembro de 1928. Arie o parâmetro dominante, do bel-canto, das operetas, de tradição europeia, a *Phono* distinguí-lo, por exemplo, entre as gravações de Vicente Celestino (Caleon, disco 10259) e Mário Reis (Caleon, disco 10224) da música De que Vale a Nota sem o Carinho da Mulher, de Sinho, para concluir ser a segunda "mais adequada ao caráter da peça".

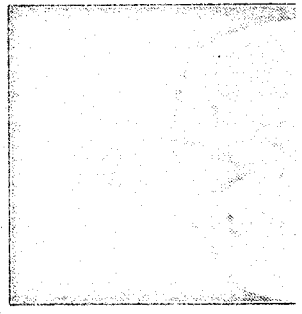
Em suma, antes mesmo da chamada "fase de ouro da música brasileira", que começa em 30, Mário Reis já demonstrava, com impressionante antecipação, que o samba deveria ter sua própria forma de cantar. Não por acaso, o primeiro "rei do samba", José Barbosa da Silva, o Sinho, confiou a Mário a maior parte de seu repertório. E escreveu, na antea revista *Wega*, um ano depois, em 1929: "Sendo Mário Reis um artista nato, faciei-me fazer ensiná-lo a tocar violão e a cantar dentro do ritmo desejado por mim. O primeiro disco gravado por Mário Reis, duas músicas de sua autoria, conquanto agradáveis a muito, todos estavam estranhando o estilo novo, a escola criada de que Mário Reis era o precursor". Ao que completa o cronista, João Elege, fundador contemporâneo dessas mudanças: "Estilo de cantodisco, ou de dizer as palavras cantando, sujeito à melodia e ao andamento, mas sem preocupação maior do que passar ao ouvinte a simplicidade marcante de qualquer composição popular." (Figuras e Coisas da Música Popular Brasileira, vol. 1 MEC Fuarite).

Uma revolução, antes de tudo, social, numa cidade menor, onde os exilados se podiam tocar, aciochados os arítes pelo embalo comum do samba. "A música brasileira era feita por dilectantes", comentava o próprio Mário. "Naquela época, não tive problema de entrar nas rodas de samba, porque Sinho, Noel Rosa, Ismael Silva, Lamartine Babo e eu estávamos todos ali por causa da música. Ninguém se preocupava

podia mexer com toda a estrutura da música sem precisar alterar nada. (...) Acho que as palavras devem ser pronunciadas da forma mais natural possível, como se estivesse conversando. Qualquer mudança acaba alterando o que o letrista quis dizer com seus versos". Essas básicas noções do canto joão-fibertiano poderiam ter sido assinadas por Mário Reis, embora o carioeca dividisse ter influenciado o bolano: "Quando ele começou eu já estava fora disso há muito tempo", ressaltou em nossa última conversa, no lançamento do último LP de João, Brasil (com Caetano Veloso, Gilberto Gil e Maria Bethânia). "Dizem que ele me imita, mas isso não é verdade", comentou Mário. "Foi-se dizer que ele é um continuador. Ele criou um gênero, só que eu critici há mais tempo".

De fato, além de associadas por força da proclamação "nra evolução", Mário e João suscitam outro ponto comum, de natureza técnica. Quando gravava com o tonitruante Francisco Alves, por exemplo, Mário precisava manter uma considerável distância do parquinho. Este parecia ignorar a invenção do microfone, explorada maxime, inclusive pelas nuances e detalhes da "interpretação comentada" de Mário. João preocupava-se com que a emissão não subia muito, mas encalxava-se na batida do violão, "com a precisão de um golpe de canete".

Também semelhantes, os zelos de cada um com a manum artística e o repertório ativo. João gravava e regravava seus ídolos dos anos 50, Ary Caymmi, Herivelto Martins, Dorival Greco, entre outros. Mário além da fidelidade a Sinho — de quem gravou a maior parte da obra matreira e alegre — completava em Lamartine Babo, Noel Rosa e Ismael Silva seu quarteto preferido. Isso



não quer dizer que fosse incapaz de sublinhar a malícia de um Assis Valente (Este Samba Foi Feito Pra Você), a picardia de Wilson Batista (Estas no Meu Caderno) ou a versatilidade de Heric Cardoso (Força de Malandro). Ascetiana tinha Ede e Marçal devolveu a exposição do clássico Agora E Cinza, escolhido por Mário e renegado por Chico Alves. Algumas outras interpretações são absolutamente definitivas como as de Resqueia Minha Fankasia, Voltei a Cantar, A Tua Vida É um Segredo (Lamartine Babo), Jura, Gosto que me Enraose, Cansei, O Que Vale a Nota sem o Carinho da Mulher (Sinho), Yoyá Boneca, Vamos Deixar de Intimidade (Ary Barros), Filósofo, Quando o Samba Acabou (Noel Rosa), Se Você Jura e Nem E Bom Falar (Gaspal Silva Milton Bastos/Falor Alves). Em relação aos contemporâneos, Mário foi menos feliz com Tom Jobim (O Grande Amor, Issa) e Nino Fafo Nairão (que com Chico Buarque, interrompido com uma inédita de Chico, Beba de Amores, para seu último LP, gravado em 71 no Oticon, Mário viu-se obrigado no primeiro índice na enciclope. A letra principal de Chico no estilo despreocupado dos compositores anti-egos denota o espírito ingenuamente malicioso de Marçalinha da Prata, de Alberto Ribeiro e João de Barro, foi considerada "uma ofensa à mulher brasileira", por compará-la com ações prosaicas de venda. Acabaram, para não deixar de registrar um autor novo — ainda que a música fosse velha — concedeu em agosto a sua gestão do maestro Lindolfo Gaya: regravou A Bandeira, Regravou e disse: as pausas, a mudança de entonações, a banda "indo e vindo", deram inerte realce ao contido cinema-tográfico da famosa composição de Chico Buarque, que ganhou letra definitiva. Caso raro, podem-se acompanhar os discos do cantor, sempre em evolução. A última (re) gravação do restitido repertório de Mário Reis, quase sempre e a melhor, ao contrário da melanólica desdida que ocorreu com seu contemporâneo ídolo Orlando Silva.

Isso porque, num outro paralelo com João Gilberto, Mário Reis sempre cultivou a perfeição artística. No auge da carreira, em 38, depois de apenas oito anos de militância, retirou-se para transformar cada vitória numa aparição apoteótica. Logo em 39, no Municipal marcara a reentree com um tanto individual: no espetáculo beneficente Jequijoux et Balançanças levava o saraba para a

MEMÓRIA DO DIVISOR DE FASES

Mozart Araújo — músico-legal, amigo de Mário Reis desde 1928.

A importância de Mário Reis na música popular brasileira é enorme, pois ele a divide em duas fases, antes e depois de Mário Reis. Antes era a fase do intérprete que usava agudos, dos de pelo, como o Vicente Celestino, o Francisco Alves e Mário Reis transformou esse panorama com seu estilo coqueto. Ele cantava falante e criou escola. A partir dele, a própria indústria de gravação se transformou a partir das influências que Mário Reis trouxe na interpretação da música popular brasileira. Mário Reis deu categoria nova ao intérprete brasileiro. Ele não cantava, não tocava, só cantava, e influenciava todos os intérpretes das cidades e escarpadas ao solenar e rescatadas. Baurão, Inassueto, muito bem-humorado, deixava muitos amigos.

Paulo Tapajós — músico-ligeiro, cantor, produtor de programas de rádio.

A importância de Mário Reis é de fundo histórico pois é ele quem consagrou na década de 20, o cantor brasileiro como um grande intérprete. Mário Reis também é pioneiro do disco, que só adquiriu realmente importância no Brasil a partir da década de 30, sendo Mário Reis o responsável por grandes recortes de vendas com Jura e Gosto Que Me Enraose. Mário Reis foi portador, o primeiro a trazer de fora a técnica de gravação de estúdio, que ele trouxe em 1928, bem marcou a expansão da música popular brasileira quando o cenário realmente se abriu, ele liderando o grupo de artistas que iniciou essa expansão e impulsionou o rádio. Quem se dedicou a estudar música popular brasileira não pode esquecer esses aspectos.

mava de sambeiros. Ele era o que se definia como "gente bem", era muito elegante, tinha um carro bacana em que, às vezes, levava a gente para Copacabana. Eu vi o Mário pela última vez há alguns anos e perguntei: "O Mário, mas você está tão surrado, por que é que você não faz mais programa, não aparece mais?". E ele me disse: "Olha Assis, eu era tão bonito, agora estou velho e feio. Para que é que vou aparecer assim?". De qual quer jeito, eu acho que ele foi o cantor que mais teve bom gosto para escolher as suas músicas. O born frasco do Mário era excepcional, ele deixou um repertório que ninguém vai esquecer, nunca mais.

Rilton Medeiros — compositor.

LEMBRÓ-ME de que quando tinha cinco anos, se dançava na minha casa ao som de sucessos de Mário Reis. Feio que ouvi dele em discos, e fabricando uma avaliação hoje, fica sem dúvida a marca de sua inovação no que diz respeito à interpretação. Foi o primeiro cantor a compreender que podia ser um músico intérprete com uma voz curta. A única vez que estive com Mário Reis foi na comemoração dos 60 anos de Lúcio Rangel. Conversamos muito, e naquela ocasião parebi que além de um grande cantor, Mário Reis era um grande contistador de histórias. Com a sua morte, talvez desapareça uma pessoa que representava uma geração que marcou uma época que marcou a vida de um brasileiro. Mário Reis foi alegre de coração, contista de histórias, bem-humorado. Mário Reis deve ser um dos últimos da sua geração.

Elizabeth Cardoso — cantora.

MÁRIO REIS, para mim um dos extraordinários que só couvi através de discos, foi da minha manequete lumbra de que, em 1927

Paulo Tapajós — músico-ligeiro, cantor, produtor de programas de rádio.

A importância de Mário Reis é de fundo histórico pois é ele quem consagrou na década de 20, o cantor brasileiro como um grande intérprete. Mário Reis também é pioneiro do disco, que só adquiriu realmente importância no Brasil a partir da década de 30, sendo Mário Reis o responsável por grandes recortes de vendas com Jura e Gosto Que Me Enraose. Mário Reis foi portador, o primeiro a trazer de fora a técnica de gravação de estúdio, que ele trouxe em 1928, bem marcou a expansão da música popular brasileira quando o cenário realmente se abriu, ele liderando o grupo de artistas que iniciou essa expansão e impulsionou o rádio. Quem se dedicou a estudar música popular brasileira não pode esquecer esses aspectos.

O MISTERIOSO MORADOR DO QUARTO 140 DO COPA

Cleusa Maria

A porta do apartamento 140 do Copacabana Palace, está trancada. Lá dentro há um homem de 40 anos, discreto, hospede que durante longos anos habitou aquele quarto standard, a Avenida Copacabana. De lá já viu os pedidos para que a camareira retire os jornais lidos e espalhados pelo chão ou para que alguém compre um maço de Galaxie, como fazia todas as manhãs. Mário Reis depois da morte.

Embora todos os funcionários do hotel se replantem numa mesma afirmativa, a de que ali vivia um hóspede alegre, amigoso, simpático e educado, ninguém sabe quem ele seja. Todas as vezes que

Mário Reis sempre esteve ligado a lugares que ele definiria como *chiques*: o Copacabana Palace, o Country e a Colômbia